

**A filosofia e a espiritualidade em santo Agostinho:  
reflexões para a atualidade****Philosophy and spirituality in saint August:  
reflections for currentity**

DOI:10.34117/bjdv5n10-293

Recebimento dos originais: 10/09/2019

Aceitação para publicação: 23/10/2019

**Juliano Bernardino de Godoy**

BOLSISTA CAPES

Doutorando em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Licenciado em História - Filosofia- Pedagogia - Sociologia- Geografia

Bacharel em Teologia- Filosofia- História

Instituição: Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Endereço: Avenida 50, esquina com Rua 2A, nº 130, Bairro: Jardim Primavera- Rio Claro-  
SP

E-mail: juliano.godoy@ig.com.br

**RESUMO**

Esse artigo parte trabalho parte do estudo da obra e da biografia de Santo Agostinho. Utilizamos como metodologia a revisão bibliográfica através de livros, artigos e trabalhos acadêmicos em geral sobre o referido filósofo. Esta pesquisa buscou como base situar o filósofo em seu contexto histórico com uma rápida análise de seus escritos filosóficos e cristãos, mostrando a união entre sua linha de pensamento e a espiritualidade cristã nascente no início do cristianismo. Fazer uma breve análise sobre a atualidade, onde o pensamento de Agostinho pode colaborar para a solução a de problemas filosóficos e espirituais.

**Palavras-chave:** Agostinianismo. Filosofia Antiga. Felicidade.**ABSTRACT**

This article is part of the study of the work and biography of St. Augustine. We use as a methodology the bibliographic revision through books, articles and academic works in general on the mentioned philosopher. This research sought to situate the philosopher in his historical context with a quick analysis of his philosophical and Christian writings, showing the union between his line of thought and nascent Christian spirituality at the beginning of Christianity. To give a brief analysis of the actuality, where the thought of Augustine can collaborate for the solution to of philosophical and spiritual problems.

**Keywords:** Agostinianism. Ancient Philosophy. Happiness

## 1 INTRODUÇÃO

Santo Agostinho foi um filósofo e, também, santo da Igreja conhecido e respeitado nas tradições cristãs ocidentais e orientais como Romana, Anglicana e Ortodoxa. Suas obras e sua linha de pensamento compreendem e salientam a passagem do mundo antigo para o mundo medieval, e exercem atualmente uma enorme influência na cultura ocidental.

Agostinho teve uma formação sólida com prática e ensino da retórica dentro de seu contexto de vida que passou por várias experiências filosóficas até se converter totalmente ao cristianismo. Primeiramente frequentou o maniqueísmo, depois foi cativado pela filosofia de Platão, donde adquiriu muitas inquietações que favorecerem a conversão ao cristianismo. Depois da conversão, sem buscar honrarias eclesiásticas, e iniciado seus estudos teológicos, mais tarde foi ordenado diácono e depois presbítero. Com sua erudição e conhecimento é eleito ao episcopado dirigindo a Sé em Hipona.

Pretendemos nesse parco estudo explanarmos brevemente o histórico e os ideais filosóficos e teológicos de Sano Agostinho após sua conversão. Através de seus escritos e sintetizarmos a importância da busca da felicidade como realização do ato credal da revelação.

## 2 AGOSTINHO: VIDA E OBRA

Conforme dados pesquisados nos textos do próprio Agostinho, como *Mestre e Confissões*, bem como, principalmente, em obras de historiadores e biógrafos do filósofo, como McGrade(2008), Mondin (2008), Pinheiro (2006) e Pessanha (1999), Aurelius Augustinus nasceu em Tagaste, moderna Souk-Aras da Argélia atual, ao norte da África, no dia 13 de novembro de 354. Seu pai era pagão e sua mãe, Mônica, uma cristã muito devota e que exerceu grande influência sobre a conversão do filho.

Segundo o historiador e filósofo Mondin (2008) o cristianismo inaugurou um diferencial no pensamento antigo antes de sua passagem para a era medieval:

O cristianismo não é uma filosofia, mas uma mensagem de salvação, tendo sido reconhecido como tal desde o começo. Mas, com o passar do tempo, ele se tornou fermento poderoso também para a renovação da filosofia, restituindo à razão a confiança em si mesma, isto é, na sua capacidade para resolver os problemas últimos que atormentam a alma humana. Com isso, o cristianismo tirou a filosofia das areias nas quais fora atirada pelo cepticismo, e dirigiu-se para caminho desimpedido e seguro (MONDIN, 2008, p. 146).

Podemos entender por essa linha de pensamento que a filosofia tomaria nova forma mediante a nova interpretação e mundo que o cristianismo proporcionou o estabelecimento da Igreja crescente pós-autorização do cristianismo mediante o *Édito de Milão*<sup>1</sup>, de Constantino, e liberdade de culto sendo permitida.

Aliás, a vida de Agostinho pode ser dividida em dois períodos claramente distintos: antes da conversão e depois da conversão ao cristianismo. Antes da conversão, Agostinho interessou-se principalmente pela retórica e filosofia. Depois da conversão, concentrou seu interesse, sobretudo, na Sagrada Escritura e na teologia.

Agostinho foi, filósofo, escritor, bispo e importante teólogo cristão do norte da África. Sua relação entre a fé e razão, entre a Igreja e Estado, dominaram toda a Idade Média. Agostinho começou seus estudos em Tagaste. Em seguida foi para Madaura, onde iniciou os estudos de retórica. Lia e devorava trechos dos poetas e prosadores latinos, entre eles Virgílio e Terêncio. Ele detestava a língua grega. Como consequência, jamais pode se valer da leitura dos autores helênicos, embora, mais tarde, para corrigir lacunas, a fim de aprofundar-se em exegese e na teologia, dedicou seu tempo para aprender, ainda que superficialmente o grego. Mas gostava mesmo de ler na língua materna e toda sua cultura se fez essencialmente latina.

Cursados os primeiros estudos em Madaura, ao sul de Tagaste, e a seguir em Cartago, ensinou oito anos de retórica nesta cidade. Desiludido com a pouca atenção e desinteresse de seus alunos, foi para Roma. Estudava retórica, música, física, matemática e filosofia. De Roma transferiu-se para Milão, onde exerceu o magistério por dois anos. Em 371, mudou-se para Cartago, a maior cidade do Ocidente Latino (MONDIN, 2006, p. 147).

A primeira educação de Agostinho foi estritamente humanista, feita de gramática e retórica. Tendo iniciado os estudos em Tagaste, foi completá-los em Cartago, onde, depois da leitura de Hortêncio, "*Uma introdução à filosofia de Cícero*", começou a interessar-se pela filosofia. Em Cartago a filosofia dominante era o maniqueísmo. Agostinho não tardou em tornar-se ardoroso defensor desse sistema com o grande desgosto de sua mãe. Aos 19 anos começou a ensinar retórica em Cartago. Rodeado por um grupo de discípulos inteligentes e

---

<sup>1</sup>Decreto que estabeleceu a tolerância religiosa dentro do Império Romano. Foi o resultado de um acordo político concluído em Milão entre os imperadores romanos Constantino I e Licínio, em 313. O texto sobreviveu através de uma carta escrita aos governadores provinciais, como Eusébio de Cesareia (*História Eclesiástica*) e Lactânio (*A Morte dos Perseguidores*). Na primeira parte, o princípio da liberdade religiosa é estendido a todos os cidadãos e, conseqüentemente, os cristãos são reconhecidos como tendo o direito de desfrutar dessa liberdade. A segunda parte restaura os antigos locais de culto dos cristãos, bem como outras propriedades confiscadas pelas autoridades romanas. Cf. OPERA MUNDI. **Hoje na História: 313 – Constantino promulga Édito de Milão**. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/historia/35649/hoje-na-historia-313-constantino-promulga-edito-de-milao>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

por muitos amigos, abandonou o maniqueísmo. Depois de dez anos em Roma, abandonou definitivamente o maniqueísmo para abraçar, por um breve período, o Ceticismo da academia (MONDIN, 2006, p.147).

Agostinho de Hipona continuou a dedicar-se ao estudo da Filosofia, apesar de limitado pela ignorância do grego. Aos vinte anos, após o falecimento do pai, Agostinho teve que assumir o pesado encargo de chefe de família. Voltou, então para Tagaste e abriu uma escola. Logo depois se transferiu de novo para Cartago e a fim de ocupar o cargo de professor da cadeira de retórica (PESSANHA, 1999, p. 6).

Em Roma não ficou muito tempo. Logo se dirigiu a Milão, onde ocupou o cargo de professor de retórica. Em Milão, leu Plotino e sentiu-se fascinado pelo seu ensinamento sobre a incorporiedade de Deus e a imortalidade da alma. Assim, de cético tornou-se logo platônico. Mas a leitura do apóstolo Paulo e os contatos com Ambrósio. Bispo de Milão, convenceram Agostinho de que a verdade não estava nos livros dos filósofos, mas no Evangelho de Jesus (MONDIN, 2006, p. 147).

Em 386, Agostinho procura Ambrósio, poderoso bispo do Império, em busca de colocação profissional, como professor. Passou a assistir os sermões de Ambrósio, inspirados sobretudo no Antigo Testamento (MONDIN, 2006, p. 148).

Em 387 foi recebido na Igreja e batizado pelo bispo Ambrósio, de Milão. A influência de Ambrósio foi decisiva para convertê-lo ao cristianismo. Em 387, Agostinho e Deodato seu filho, são batizados. Em 388, se dedica à vida monástica. Vende as propriedades do pai e reserva apenas um pedaço de terra, onde fundou, com seus amigos Alípio e Ovídio, o primeiro mosteiro agostiniano. Em 391 é ordenado sacerdote. Em 396, é sagrado bispo auxiliar de Hipona, onde se tornou um dos pilares da teologia cristã e da filosofia antiga. Pouco tempo depois, resolveu voltar para a África. Em 395 foi eleito bispo da mesma cidade. A sua atividade episcopal caracterizou-se pela luta constante para preservar a pureza da doutrina católica. Seus adversários, sucessivamente foram os maniqueus, donatistas e os pelagianos (MONDIN, 2006, p. 147-148).

Agostinho faleceu em 28 de agosto de 430 quando, após um cerco de 3 meses, as tropas de Genserico já estavam para conquistar a cidade (MONDIN, 2006, p. 148). Segundo seus biógrafos, Agostinho nos deixou inúmeras obras. Antônio Soares Pinheiro (2006), prefaciando a obra *O Mestre*, diz que:

[...] ao aproximar-se o fim da existência, quis examinar os seus escritos, para neles ajustar o que houvesse de inexato ou impreciso. Ele mesmo ficou surpreendido, ao verificar que tinha redigido 94 obras, constantes de 232 livros, isto é, com 132 partes, causa uma de variável número de capítulos (PINHEIRO, 2006, p. 11)

Outros pesquisadores contabilizam um total de 113 obras sem contar cartas, obras não catalogadas, das quais se conservam mais de 200 sermões. A maior parte dessas obras surgiram por causa dos problemas e preocupações que atormentavam a Igreja do seu tempo. Estão presentes também as polêmicas em que ele mesmo se envolveu, principalmente contra os maniqueístas, os donatistas e os pelagianos.

Battista Mondin (2008), em sua obra *Curso de Filosofia*, volume I, classifica as obras de Agostinho em dois momentos: a) Antes da Conversão; b) Depois da Conversão. Segundo Mondin, antes da conversão Agostinho tinha produzido, entre outras, estas obras: “*Contra Acadêmicos*” (sobre a lógica); “*Vita Beata*” (sobre a vida feliz, ética); “*De Ordine*” (Sobre a ordem – Metafísica) (MONDIN, 2008, p. 146-148).

Depois da conversão ao cristianismo, através das, pregações do bispo Ambrósio, já com mentalidade religiosa cristã, Agostinho escreve “*De Imortalitate Animae*” (Sobre a Imortalidade da alma), “*Confessionum Libri XIII*” (Treze Livros das Confissões), “*De Libero Arbitrio*” (Sobre o Livre arbítrio), “*De Civitate Dei*”, (Sobre a cidade de Deus), “*De Trinitate*” (Sobre a Trindade), “*De Magistro*”, (Sobre o Mestre), “*De Vera Religione*” (Sobre a verdadeira religião)(MONDIN, 2008, p. 148). Além das obras destinadas a combater os inimigos da igreja, Agostinho escreveu outras obras de conteúdos diversos no campo da exegese, por exemplo, os “*Comentários ao Genesis*”, “*São João*” e os “*Salmos*”. Na área da espiritualidade e pastoral, “*Sobre a Catequese dos Simples*” (MONDIN, 2008, p. 145-148).

### **3 A ESPIRITUALIDADE DE SANTO AGOSTINHO**

De toda essa obra bibliográfica, sobressaem três obras que venceram os séculos e continuam vivas, segundo Pinheiro (2006): “*Confissões*”, “*Cidade de Deus*” e “*A Trindade*” (MONDIN, 2008, p. 146-148).

As “*Confissões*”, continuando com Pinheiro (2006), não tratam de declarações internas e pessoais, mas no sentido bíblico de glorificação levando à adoração a Deus. Em “*Cidade de Deus*”, Agostinho estuda as origens e vicissitudes do povo de Deus, desde os primórdios bíblicos até suas instituições definitivas por Cristo. Em contraste e, às vezes, em

conflito com a “Cidade Terrestre”, ou seja, com a sociedade dos homens e que põem todo seu fim nos bens terrenos (PINHEIRO, 2006, p.12).

Em “*Trindade*”, serviu-se de um método psicológico que ele mesmo encontrou, foi até onde o espírito humano poderia na sondagem das profundezas de Deus. Ninguém depois foi mais longe. Santo Agostinho ultrapassou os limites do seu tempo e exerceu influência na Idade Média e também na nossa época. A influência de Agostinho acontece em diversos campos do pensamento, da cultura, da espiritualidade, da filosofia e da vida religiosa (PINHEIRO, 2006, p.12).

Muitos autores, como José Américo Motta Pessanha, em texto introdutório à obra *Confissões*, na coletânea *Os Pensadores*, não reconheceu em Agostinho um grande filósofo. Está mais próximo do teólogo ou místico espiritualista. A filosofia, para Agostinho, é apenas um instrumental auxiliar destinado a um fim que transcende seus próprios limites (PESSANHA, 1999, p.13). Ainda uma explicitação mais aprofundada de José Américo: “A Filosofia é assim entendida não como uma disciplina teórica que coloca problemas à estrutura do universo físico ou a natureza dos deuses, mas como indagação sobre a condição humana na procura da beatitude” (PESSANHA, 1999, p.12-13).

A beatitude, no entanto, não foi encontrada por Agostinho nos filósofos clássicos que conhecera na juventude, mas, na Sagrada Escrituras. Iluminado por Paulo de Tarso. Não foi fruto de procedimento intelectual, mas, ato de intuição e de fé (PESSANHA, 1999, p.13).

Desde sua conversão, Agostinho se propôs a atingir, pela Fé nas Escrituras, o entendimento daquilo que elas ensinam, colocando a fé como via de acesso à verdade eterna. Mas, por outro lado, sustentou que a fé é precedida por certo trabalho da razão. A razão relaciona-se duplamente com a Fé: Precede-a e sua consequência necessária compreender para crer e crer para compreender (PESSANHA, 1999, p. 13).

Nesse viés mais teológico do que filosófico, não se pode negar a Agostinho uma grande penetração filosófica na análise de alguns problemas particulares e Agostinho conseguiu sistematizar uma grandiosa concepção do mundo, do homem e de Deus que se tornou, por muito tempo, a doutrina fundamental da Igreja Católica (PESSANHA, 1999, p. 13-14).

O núcleo em torno do que gravitavam todas as suas ideias é o conceito de “beatitude”, ou “felicidade”. O problema da felicidade constitui, para Agostinho, toda a motivação do

pensar filosófico. Uma das últimas obras que redigiu, a *“Cidade de Deus”*, afirma que “o homem não tem razão” para filosofar. Exceto para atingir a felicidade (PINHEIRO, 2006, p. 12).

A reflexão sobre a felicidade humana foi buscada por alguns dos maiores pensadores da Idade Média. As mais notáveis teorias do que é a felicidade e de como os seres humanos podem obtê-la, foram formuladas por três mentes grandiosas: Agostinho de Hipona, Boécio e Tomás de Aquino (MCGRADÉ, 2008, p. 301).

Em Agostinho, a felicidade é um dos temas da vida inteira na maioria de suas obras. Suas ideias mais intensamente recorrentes são que todos os seres humanos, sem exceção, desejam ser felizes, quaisquer que sejam suas circunstâncias, escolhas e compromissos; e tudo o que alguém faz é incitado por este mais profundo desejo, e que expressa o desejo de felicidade que alguém sente. Nenhuma experiência, nenhum objeto de desejo, mesmo quando alcançado, pode tornar alguém completa e confiadamente feliz (MCGRADÉ, 2008, p.302).

Suas primeiras reflexões sobre a “beatitude” encontram-se em um diálogo escrito no ano de 386, *“Da Vida Feliz”* (De Beata Vita). O tema reaparece em três grandes obras de sua maturidade: *“Confissões”*, *“Comentário sobre os Salmos”* e *“Cidade de Deus”* (MCGRADÉ, 2008, p. 303).

O Livro X da Confissões é uma busca de Deus, o qual se encontra tanto além quanto no interior da criação. A ação que conecta as transações feitas por Agostinho é experimentada repetidamente pelo verbo “transibo”, a fim de procurar Deus, a meta absoluta do amor. Agostinho acredita em duas quase-ideias-felicidade e verdade dão coerência a toda nossa vida mental e afetiva de maneira não são inteiramente e que não temos e que não temos, o poder de alterar. Tudo o que pensamos, desejamos ou fazemos é estruturado por esses dois instrumentos primais de expressão deles. Quando eles se juntam, quando encontramos a alegria e a verdade, a presença de Deus transcendente se torna tangível (MCGRADÉ, 2008, p. 303).

Como procurar então a vida feliz? Nos diz o próprio Agostinho:

Não a alcançarei enquanto não exclamar: “Basta, ei-lá!”. Mas, onde poderei dizer estas palavras? Como procurar a felicidade? Como? ... Não é feliz aquela vida que todos desejam, sem haver absolutamente “ninguém que não a queira?” Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para amarem? Que a possuímos é certo. Agora, o modo, é que não sei (AGOSTINHO, 2010, p. 152).

Há uma maneira diferente de ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente sem esperança. Estes possuem a felicidade de um mundo interior ao daqueles que realmente são felizes. Mas, ainda assim, estão melhor que aqueles que não tem felicidade nem esperança (AGOSTINHO, 2010, p. 152-153).

Mal ouvimos esse nome “felicidade”, imediatamente temos que é isso mesmo o que a pertencemos, não nos deleitamos apenas com o som da palavra... a felicidade real não é grega, nem latina. Mas os homens, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de alcançá-la. E, assim, se fosse possível pergunta-lhes, a uma só voz se queriam ser felizes, todos, sem hesitação, responderiam que sim (AGOSTINHO, 2010, p. 153). Não é pelos sentidos corporais que descobrimos a vida feliz dos outros. Acordá-la-emos então com alegria? Sim. Talvez, lembro-me da alegria passada, mesmo quando estou triste e penso na felicidade, quando me encontro desolado. Nunca vi, nem ouvi, nem cheirei, nem gostei, nem apalpei a alegria com os sentidos corporais. Simplesmente experimentei na lama, me alegrei (AGOSTINHO, 2010, p. 153).

Onde e quando experimentei a vida feliz, para poder recordar, amar e desejar? Não sou eu o único, nem são poucos os que desejam. Todos, absolutamente todos querem ser felizes: “[...] Alegria só vem de Deus. Longe de mim, Senhor, longe do coração desse Vosso Servo, que se confessa a vós julgar-se feliz, seja com vós, de vós e por vós. Eis a vida feliz e não há outra” (AGOSTINHO, 2010, p. 154).

Atualmente nos deparamos com essas perguntas que a sociedade em sua correria diária, não consegue responder e, também, não nos envolve para uma reflexão sadia de como sermos éticos e alcançarmos a felicidade seja através da espiritualidade ou de relacionamento pessoais e comunitários. Agostinho nos coloca essas premissas inflamando o pensamento crítico para que através dessa união tenhamos um alento para que não nos esmorecermos nessa busca permanente. Com sabedoria em sua visão filosófica buscamos a resposta para amenizarmos e curarmos nossos males que nos assombram no tempo presente seja no campo emocional, espiritual, político e sociológico.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O pensamento de Santo Agostinho de Hipona sendo na área filosófica ou teológica em qualquer período da história mostra-se relevante e de uma grande compressão para entendermos melhor na atualidade a nossa sociedade. Suas obras perpassam gerações desde

antiguidade e nos dá um prisma para compreensão do Ser, do mundo e da busca da felicidade.

Entretanto Santo Agostinho, conhecedor da filosofia por traz de diversas religiões e muito bem versado em filosofia geral, buscava na razão a justificativa para a fé. Se de um lado entendia que a fé era fundamental, e nunca pretendeu que a razão a subjugasse, de outro entendia que era preciso algo além da própria fé para levar os homens descrentes a considerá-la, utilizando a si mesmo como exemplo.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

AGOSTINHO, S. **Mestre**. Tradução de Antônio Soares Pinheiro. 3.ed. São Paulo: Landy Editora, 2006.

AGOSTINHO, S. **Santo Agostinho: Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BOFF, C. M. Santo Agostinho de Hipona e a pastoral da libertação. **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, Petrópolis, v. 43, n. 170, p. 292-318, 1983.

BROWN, P. **Santo Agostinho: uma biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIBERA, A. de. **A Filosofia Medieval**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário e Yone Maria de Campos Teixeira da Silva. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola. 2011.

MCGRADY, A. S. (Org.). **Filosofia Medieval**. Tradução de André Oídes. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia: os filósofos do Ocidente**. Tradução Benôni Lemos. 15.ed. São Paulo: Paulus, 2008, vol. 1.

OPERA MUNDI. **Hoje na História: 313 – Constantino promulga Édito de Milão**. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/historia/35649/hoje-na-historia-313-constantino-promulga-edito-de-milao>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra. In: AGOSTINHO, S. **Santo Agostinho: Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 5-27.

PINHEIRO, A. S. Prefácio. In: AGOSTINHO, S. **Mestre**. Tradução de Antônio Soares Pinheiro. 3.ed. **São Paulo**: Landy Editora, 2006.

PINHEIRO, L. A. A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 115-126, dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/426/836>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

REALE, G.; ANTISERI, D. Santo Agostinho e o apogeu da Patrística. In: REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus. 2003, vol. 2.

SANTOS, R. R. dos. A interioridade e a busca da felicidade em Santo Agostinho. **Primeiros Escritos**, São Paulo, n. 8, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/primeirosescritos/article/download/136803/132549/>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

SOUZA, M. R.; MELO, J. J. P. A Educação em Santo Agostinho: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento. In: **Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), de 26 a 29 de outubro de 2009. Curitiba, 2009, pp. 2456-2468. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1937\\_1302.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1937_1302.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2019.